



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

DARA RAYANE DE ABREU

**ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO DE
RUA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NA PLATAFORMA *ON-LINE*
DA *FOLHA DE S. PAULO***

BRASÍLIA - DF

2021

DARA RAYANE DE ABREU

**ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO DE
RUA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NA PLATAFORMA *ON-LINE*
DA *FOLHA DE S. PAULO***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane de Melo Resende

BRASÍLIA – DF

2021

ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO DE RUA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NA PLATAFORMA *ON-LINE* DA *FOLHA DE S. PAULO*

Dara Rayane de Abreu¹

INTRODUÇÃO

A Portaria nº 188 do Diário Oficial da União, de 3 de fevereiro de 2020, decretou emergência em saúde pública em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (DOU, 2020) e, a partir de então, estabeleceu-se uma série de recomendações visando à diminuição do contágio do coronavírus, tais como isolamento e distanciamento social (Lei nº 13.979), higiene das mãos e o uso obrigatório de máscaras em espaços públicos em alguns estados. A população em situação de rua permaneceu totalmente vulnerável, devido à dificuldade de acesso à higiene básica e à inexistência de moradia fixa e segura que permita seu isolamento.

Em meio a inúmeras recomendações de distanciamento e isolamento social, paralisação de vários setores econômicos e uma série de medidas adotadas nos âmbitos de estados, municípios e Distrito Federal para conter a disseminação do vírus, a proposta deste trabalho é, com base na análise de discurso crítica (Resende; Ramalho, 2009, p. 20), compreender como se dá a representação da população em situação de rua no jornal Folha de S. Paulo durante o período compreendido entre 26 de fevereiro e 31 de dezembro de 2021. Reconhecemos o conceito de população em situação de rua conforme define o Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009: “caracteriza-se por ser um grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelidas a utilizar a rua como espaço de moradia e sustento, por caráter temporário ou de forma permanente”.

Em estudos anteriores, no projeto colaborativo “Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornalismo *on-line*” (Resende, 2016; Mendonça, Resende, 2019; Ramalho, 2020), pudemos compreender, nos *corpora*, as formas midiáticas por meio das quais a população de rua é representada nos principais jornais de circulação no Brasil. Aqui, com continuidade teórica, analítica e metodológica, buscamos compreender como, em meio a um cenário

¹ Universidade de Brasília, graduanda em Letras Português e Respectiva Literatura.

pandêmico, devido à disseminação da Covid-19, essa população, que tem como principal característica a ausência de moradia e é por isso impossibilitada de fazer o devido isolamento social é representada no contexto jornalístico da *Folha de S. Paulo* no suporte on-line.

O artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. Primeiramente, contextualizamos a situação da pandemia da Covid-19 na população em situação de rua. Depois, traçamos o percurso teórico escolhido para o estudo. Na terceira seção, definimos o trajeto metodológico para a coleta, tratamento e análise do *corpus*. Resultados analíticos são apresentados na quarta seção.

1. COVID-19 E A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

A Covid-19 causou preocupação mundial ao se alastrar mundo afora causando um número assustador de adoecimentos e mortes. Por se tratar de vírus desconhecido em humanos, no período inicial da pandemia, em 2020, gerou inúmeras incertezas e danos em diversas instâncias, sejam elas individuais (físicas, psicológicas), sociais ou econômicas.

Foram estabelecidas medidas para a contenção da disseminação da Covid-19, como isolamento e distanciamento social e reforço à higiene, o que culminou na adaptação dos setores sociais (empresas, entidades escolares etc.) na centralização de atividades em âmbito doméstico (no chamado *home office*). Essa é uma possibilidade aplicável a quem possua um lar seguro, necessidades básicas garantidas por remuneração adequada e possibilidade de realizar seu trabalho de forma remota via internet – ou seja, a solução é garantia de segurança inaplicável à maioria da população brasileira.

Mais grave ainda é a situação de quem vive nas ruas. No Brasil, pelo menos 222 mil pessoas (IPEA, 2020), por diversos motivos, vivem em situação de rua, carentes de tetos e paredes como moradia, entre muitas outras carências. São pessoas que vivem sob marquises, em praças, em ocupações, em albergues, em abrigos improvisados.

Em um ano marcado pela crise sanitária e urbana, causada pela pandemia do novo coronavírus, que acarretou também aumento do desemprego, além das pessoas que já ocupavam a rua como moradia, é perceptível o aumento da população em situação de

rua no Brasil, como aponta o estudo “População em situação de rua em tempos de pandemia: um levantamento de medidas municipais emergenciais” (IPEA, 2020).

Nesse sentido, de forma a entender como se dá a representação da população em situação de rua em meio à pandemia da Covid-19, analisamos textos jornalísticos, relativos à população em situação de rua em meio à pandemia da Covid-19, publicados na plataforma *on-line* da *Folha de S. Paulo*, jornal de maior circulação no país e o principal da cidade de São Paulo. Analisar esses discursos de forma crítica, amparada pelos recursos propostos pela ADC (Fairclough, 1992), será útil para esmiuçar os modos pelos quais nos referenciamos e agimos, de forma naturalizada, em relação à população em situação de rua e, partindo disso, fornecer ferramentas para refletirmos e traçarmos estratégias – políticas e pessoais – na tentativa da transformação dessa realidade.

2. ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A análise de discurso crítica, doravante ADC, é uma abordagem transdisciplinar que tem como proposta tratar de práticas sociais aliadas ao discurso. Segundo Resende e Ramalho (2019, p. 35), seu objetivo é “refletir sobre a mudança social contemporânea, sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social”.

A ADC compreende que textos jornalísticos têm forte papel regulador das formas como a sociedade percebe e reage a determinados eventos sociais, e a propagação de discursos em veículos massivos de comunicação pode naturalizar injustiças e iniquidades que pesam sobre minorias sociais. Nesse sentido, “a construção de notícias é um processo interpretativo e construtivo, e não simplesmente um relato dos fatos” (Resende, 2016, p. 74). Partindo desse entendimento, utilizamos a ADC para analisarmos textos jornalísticos da *Folha de S. Paulo* em sua plataforma digital.

Utilizamos as seguintes categorias da ADC para nossas análises: *intertextualidade*, noção fundada por Bakhtin (2002) e muito útil aos estudos do discurso pois permite mapear as vozes articuladas em textos; *representação de atores sociais*, discutida por Van Leeuwen (1997), num inventário sócio semiótico de formas de representação discursiva; *significado de palavras*, discutido por Fairclough (2001a); e, por fim, afirmações avaliativas, discutidas por Fairclough (2003a).

Então, partindo do entendimento da relevância social dos textos jornalísticos no contexto social, e amparadas na ADC, coletamos, codificamos, categorizamos e analisamos notícias da plataforma *on-line da Folha de S. Paulo* para entendermos as formas representacionais da população em situação de rua em meio à pandemia da Covid-19 no Brasil. Desse modo, consideradas nossas pesquisas anteriores sobre representação da população em situação de rua, buscamos entender possíveis mudanças discursivas na representação dessa população num contexto extremo, como é o caso da pandemia.

3. COLETA E TRATAMENTO DE DADOS

Nesta seção tratarei de aspectos metodológicos utilizados desde a coleta até a análise de dados, com objetivo de compreender as formas como se dá a representação da população em situação de rua na plataforma *on-line da Folha de S. Paulo* no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil.

Os critérios definidos para delimitar o *corpus* foram o temático e o temporal. Tematicamente, observamos matérias que representam a população em situação de rua no contexto da pandemia da Covid-19. Temporalmente, a pesquisa se estendeu durante o primeiro ano pandêmico, 2020, por isso, a coleta das notícias foi feita em dois momentos: em julho de 2020, quando se coletaram textos publicados no recorte temporal de 26 de fevereiro a 30 de junho de 2020 – o marco inicial, de acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020), corresponde à data do primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus no Brasil; e em março de 2021, quando se coletaram os textos publicados no período de 1º de julho a 31 de dezembro de 2020.

Como a Folha de S. Paulo, em sua plataforma digital, restringe acessos para não assinantes, foi necessária uma assinatura, proveniente do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade – NELiS, para ter acesso ao conteúdo completo do jornal. Na primeira coleta, realizada em julho de 2020, de maneira a filtrar o conteúdo, utilizamos a ferramenta ‘buscar’, como ilustra a Figura 1, configuramos o critério temporal já mencionado e realizamos a busca com os seguintes termos-chave associados à situação de rua: *situação de rua, morador de rua, mendigo, andarilho, sem-teto*.

Figura 1 - *Layout de busca da Folha de S. Paulo on-line.*



Fonte: <https://www.folha.uol.com.br/>.

Os resultados da busca, ordenados na Tabela 1, totalizaram 360 textos para este período. As notícias se originam dos seguintes cadernos e seções do jornal: Cotidiano, Coluna, Fotografia, Saúde, Ao Vivo, Agora, Empreendedor Social, Poder Mundo, Mercado, F5, Blogs, Ilustrada, Ilustríssima, Opinião, Ciência, Guia Folha, Esporte e Painel do Leitor. Para exemplificar, a Tabela 2 expõe a quantidade de textos coletados nos cadernos do jornal.

Tabela 1 - Organização quantitativa de notícias resultantes dos termos-chaves na primeira coleta.

TERMOS-CHAVES	NOTÍCIAS
"situação de rua"	128
"moradores de rua"	122
"sem-teto"	68
"morador de rua"	30
"mendigo"	6
"andarilho"	6
	360

Fonte: elaboração própria.

Tabela 2 - Organização quantitativa de notícias resultantes dos termos-chaves por caderno temático da *Folha de S. Paulo on-line*.

	"situação de rua"	"morador de rua"	"moradores de rua"	"mendigo"	"andarilho"	"sem-teto"	
COTIDIANO	24	10	26	0	0	8	68
COLUNA	22	1	10	2	1	9	45
FOTOGRAFIA	12	5	18	2	1	4	42
SAÚDE	10	1	17	0	0	8	36
AO VIVO	9	2	15	0	0	3	29
AGORA	13	5	9	0	0	1	28
EMPREEN. SOCIAL	13	1	6	0	0	4	24
PODER	2	0	3	0	0	11	16
MUNDO	3	1	4	0	0	6	14
MERCADO	5	1	3	0	0	1	10
F5	3	1	1	1	0	2	8
BLOGS	3	0	3	0	0	1	7
ILUSTRADA	1	1	1	0	2	1	6
ILUSTRÍSSIMA	1	0	0	1	1	3	6
OPINIÃO	2	0	1	0	0	3	6
CIÊNCIA	3	0	1	0	0	0	4
GUIA FOLHA	1	0	0	0	1	1	3
ESPORTE	1	1	3	0	0	0	5
PAINEL DO LEITOR	0	0	1	0	0	2	3
							360

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 1 indica os termos-chave "situação de rua" e "moradores de rua" como os de maior retorno de notícias na plataforma *on-line*, enquanto a Tabela 2 aponta que eles se apresentam com maior recorrência nos cadernos Cotidiano e Coluna.

Dado isto, os dados coletados foram lidos e organizados em pastas de acordo com os cadernos pré-definidos pelo jornal. Cabe ressaltar que, no momento da leitura e organização dos textos, percebeu-se que, ao utilizarmos termos-chave associados à situação de rua para filtrá-los, algumas dessas notícias tinham em comum um ou mais termos-chave, por esse motivo retornaram textos em duplicidade, mas, no momento da leitura e acomodação das notícias em suas respectivas pastas temáticas, os textos em duplicidade foram desconsiderados. Esse procedimento levou à redução dos textos, de 360 para 109 notícias, que foram organizadas como ilustra a Tabela 3:

Tabela 3 - Organização quantitativa de notícias resultantes dos cadernos da *Folha de São Paulo on-line*.

CADERNO SEÇÃO	NOTÍCIAS
Coluna	22
Cotidiano	20
Saúde	12
Agora	9
Fotografia	9
Poder	6
Empreendedor Social	6
Mercado	5
Mundo	5
Ilustrada	4
Opinião	3
Ilustríssima	3
Guia Folha	2
Economia	2
F5	1
	109

Fonte: elaboração própria.

Após contato inicial com os dados, para composição do *corpus* de análise considerei somente o caderno Cotidiano, que resultou 20 textos. De acordo com a plataforma *on-line*, este caderno encarrega-se de “fazer a cobertura dos principais fatos nas áreas de educação, urbanismo, violência, saúde pública, ambiente, administração pública e comportamento” (FOLHA, 2020). Dessa forma, por compor o caderno que possui, também, considerável número de notícias, optamos por mapear as formas representacionais da população em situação de rua em meio à pandemia da Covid-19 nestas 20 notícias.

Vale ressaltar que, na primeira fase da coleta, no contato inicial com os dados, houve a seleção e organização dos textos resultantes até que, por fim, houve a eleição do caderno cotidiano como *corpus* da pesquisa. Dado o avanço da pandemia, houve a necessidade de ampliação do *corpus* e, então, foi necessária uma nova coleta – de julho a dezembro de 2020. Quando da segunda coleta, o processo de análise já estava em andamento, então, com o intuito de garantir a análise em um ano de pandemia, utilizamos as mesmas estratégias da coleta anterior, mas, dessa vez, consideramos somente o caderno cotidiano, ajustando o critério temporal. Dessa filtragem, resultaram 60 textos, considerados os mesmos termos-chave dos utilizados anteriormente. Na Tabela 4, a seguir, o termo-chave "mendigo" não resultou nenhum texto, por isso não consta da tabela:

Tabela 4 - Organização quantitativa de notícias resultantes dos termos-chave na segunda coleta.

TERMOS-CHAVES	NOTÍCIAS
"situação de rua"	19
"morador de rua"	18
"moradores de rua"	18
"sem-teto"	4
"andarilho"	1
	60

Fonte: elaboração própria.

Assim como na Tabela 1, o termo-chave mais recorrente é o "situação de rua". Ainda, também, como na primeira coleta, foram observadas notícias em duplicidade no momento da filtragem dos textos, por isso, essas 60 notícias, na verdade, representavam somente 33, que foram selecionadas para compor o *corpus* da pesquisa.

Após a filtragem dos textos, no momento da codificação, da qual trataremos à frente, desconsideramos os textos que se referiam à população de rua mas não traziam em seu contexto a pandemia da Covid-19. Sobre isso, vale ressaltar que a decisão de não utilizar estes textos se justifica pelo intuito de mapear aqueles que tratam especificamente sobre a pandemia da Covid-19. Para que não houvesse a exclusão de nenhum texto do *corpus* erroneamente, utilizamos a ferramenta 'localizar conteúdo' do *NVivo 11 Pro* e filtramos, nas fontes internas, as palavras-chaves *pandemia*, *covid*, *vírus*, *isolamento* e *quarentena*. Nesse sentido, por meio da filtragem das reportagens, considerando ambas as coletas, chegamos ao total de 53 notícias, que, por fim, compuseram o *corpus* desta pesquisa.

Definido o *corpus*, os textos foram novamente lidos e separados em subpastas nomeadas preliminarmente de acordo com a predominância de temas centrais recorrentes, resultando, inicialmente, em cinco subpastas intituladas: 'Assistência e Assistencialismo', 'Violência', 'Casos da Covid-19', 'Outros temas' e 'Tangencial'. A pasta 'Assistência e Assistencialismo' comporta textos que têm como temática central o assistencialismo por parte de ONGs e as políticas públicas governamentais em meio à pandemia; a pasta 'Violência' trata de casos de violência em que a população de rua foi envolvida no decorrer da pandemia; a pasta 'Casos da Covid-19' compreende textos que tratam sobre pessoas em situação de rua que foram diagnosticadas ou tiveram sintomas da Covid-19; a pasta 'Outros temas' abarca textos com temáticas que ocorrem em menor quantidade e por isso são agrupados, enquanto a pasta 'Tangencial', assim como na pesquisa de Ramalho (2020), comporta textos que fazem menção à situação de rua, mas não como principal temática.

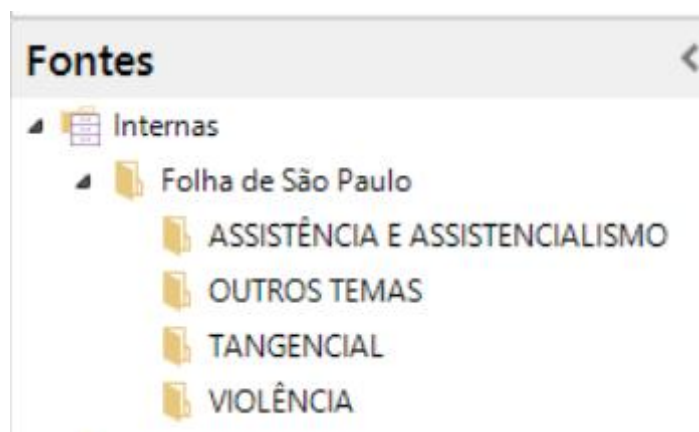
Posteriormente, a pasta 'Casos da Covid-19' foi removida e seus textos foram redistribuídos em outras temáticas, como 'Outros temas', 'Violência' e 'Assistência e Assistencialismo', haja vista que narraram-se poucos casos confirmados da Covid-19 entre a população em situação de rua, além de que, em sua maioria, os textos que traziam em seu teor os casos de coronavírus na população de rua também tratavam sobre assistência e assistencialismo e violência.

Sobre a baixa recorrência de casos confirmados de coronavírus na população de rua, vale ressaltar que só há a legitimação do contágio quando há o diagnóstico comprovado pela testagem, ou seja, os casos citados, em sua maioria, correspondiam a suspeitas e não confirmações efetivas, porém tal fato não diminui a relevância destes textos, uma vez que as notícias sugerem a baixa disponibilização de testes direcionados à população em situação de rua, o que dificulta o mapeamento da doença nessa população e corrobora na grande dificuldade de estruturar a dimensão do contágio, uma vez que não são todas as pessoas que têm acesso às estimativas médicas, aos abrigos e tampouco aos serviços de saúde.

De forma a otimizar e viabilizar a análise do *corpus*, utilizamos o *software* de análise qualitativa *NVivo 11 Pro*, programa que, de acordo com a *QSR International* (2015), “integra as principais ferramentas para o trabalho com documentos textuais, multimétodo e dados bibliográficos”. Julgamos importante a utilização do *software* para que pudéssemos, futuramente, cruzar as informações obtidas da codificação do *corpus* com as demais categorias analíticas – explanadas a seguir – e, a partir disso, se utilizar da ferramenta matriz de codificação, para que se pudesse responder a questionamentos emergidos à medida da leitura e codificação dos dados do *corpus*.

Então, de início, os dados do *corpus* foram acomodados no *software*, em suas devidas pastas temáticas, conforme ilustra a Figura 2, e classificados, simultaneamente, em categorias analíticas relevantes para a análise da representação da população em situação de rua durante a pandemia da Covid-19.

Figura 2 - Organização do *corpus* em pastas temáticas.



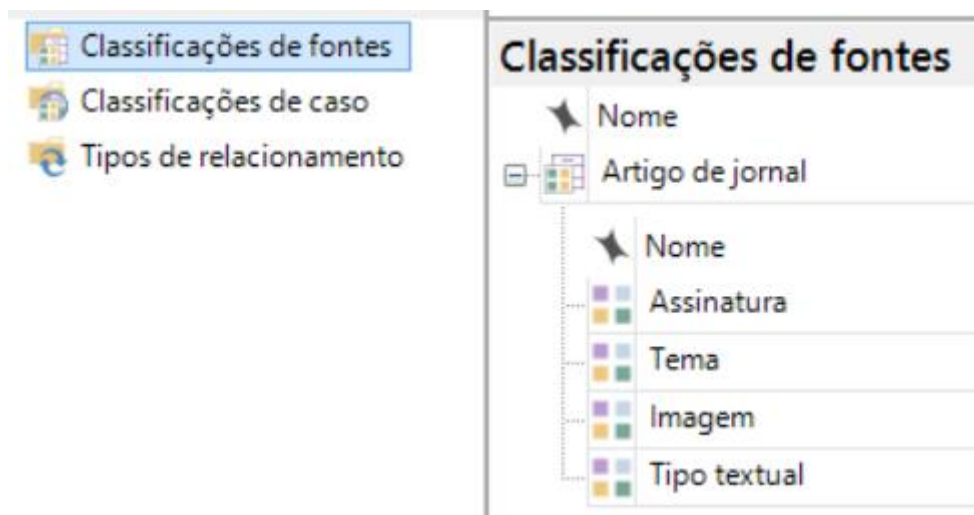
Fonte: *NVivo Pro 11*.

Os textos foram codificados - " processo de reunir materiais por tópico, tema ou caso" QSR (2015) - manualmente e indutivamente, utilizando da ferramenta *nós* que “funcionam como variáveis que reúnem informações descritivas do texto, possibilitando a identificação de tendências” (Silva, Figueiredo & Silva, 2015). Para isso, valendo-nos da experiência em trabalho anterior (Abreu, Araújo, 2017), que tinha objetivos em comum, analisando dados da mesma plataforma jornalística em outro recorte temporal, foram criadas duas pastas analíticas de *nós*: as ‘categorias de análise’ e as ‘categorias de preparação’, explicadas a seguir.

A pasta analítica categorias de análise possui *subnós* categorizados em ‘intertextualidade e fontes jornalísticas’, ‘modos de avaliação de pessoas em situação de rua’, ‘modos de referência de pessoas em situação de rua’ e ‘modos de representação de pessoas em situação de rua’. A categoria discursiva de intertextualidade, de acordo com Vieira e Resende (2019, p. 65), permite mapear as vozes presentes nos textos; na categoria de avaliação, se reuniram os modos pelos quais a população em situação de rua é avaliada no corpus – para isso, não consideramos somente os termos adjetivais dos textos, mas também analisamos o contexto avaliativo presente nas notícias; em modos de referência, foram mapeados os termos que correspondem exatamente às palavras utilizadas para referir-se à população em situação de rua nos textos; e finalmente, na categoria de modos de representação destacamos os modos representacionais individual e coletivo, de forma a categorizar se a representação dá-se como pessoa ou grupo.

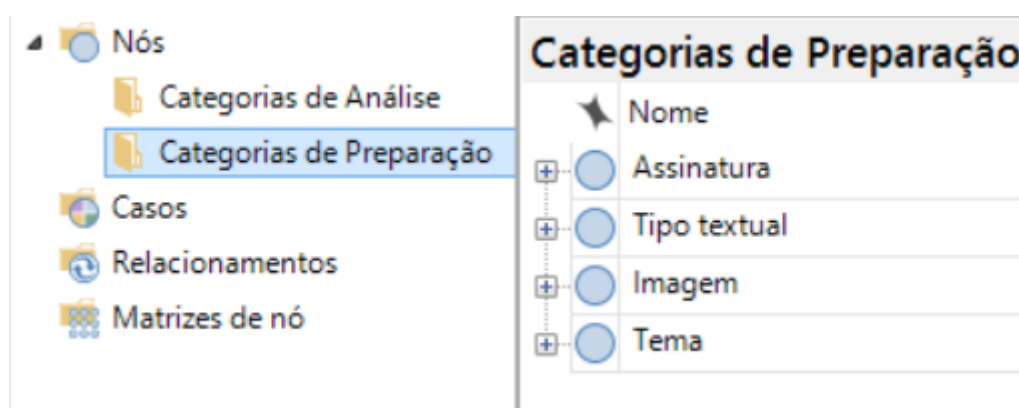
Na categoria de preparação, categorizamos os textos com as mesmas especificações que estão em classificação de fontes, vide Figuras 3 e 4. Com ela, é possível classificar elementos de produção dos textos, compreendendo as seguintes classes: assinatura (assinado ou não assinado); tema (‘Assistência e Assistencialismo’, ‘Outros temas’, ‘Tangencial’ ou ‘Violência’); imagem (com imagem, com infográfico ou sem infográfico); e tipo textual (narração ou argumentação). A codificação simultânea em categorias de preparação e em classificação de fontes possibilita a condensação dos materiais de fonte em uma matriz estrutural, que futuramente será utilizada com meio para análise.

Figura 3 - Classificações de fontes.



Fonte: NVivo Pro 11.

Figura 4 - Categorias de Preparação.



Fonte: NVivo 11 Pro.

À medida da aplicação das categorias analíticas para a codificação do *corpus*, surgiram os seguintes questionamentos, que serão centrais para análise dos dados: (a) quais são as vozes mais recorrentes dentro da plataforma *on-line Folha de São Paulo* para representar a população em situação de rua em meio à pandemia da Covid-19?; (b) quais são as temáticas em que se convoca, com maior frequência, vozes de pessoas em situação de rua?; e (c) como a população em situação de rua é avaliada na plataforma *on-line da Folha de São Paulo* durante a pandemia?. Para abordar essas questões, na próxima seção apresentarei as análises dos dados gerados com apoio do *software NVivo 11 Pro*, utilizada a ferramenta “matriz de codificação”, que permite cruzar informações de diferentes *nós* codificados.

4. RESULTADOS

Consideradas as 53 notícias do *corpus* consolidado, a primeira categoria a ser mapeada foi 'intertextualidade e fontes jornalísticas', a fim de elencar os atores sociais e grupos convocados a tratar o tema da situação de rua durante a pandemia da Covid-19 no *corpus*. Desse mapeamento, surgiram as vozes ilustradas na Figura 5, quais sejam: *coletivos de pessoas em situação de rua, empresários, moradores e trabalhadores locais, pessoas em situação de rua, lei, especialistas, governo, vozes médicas, repórteres, ativistas e religiosos, assistencialistas sem vínculo governamental, polícia, familiares de pessoas em situação de rua, ex-morador de rua e outras pessoas (esposa do governador - especificada como socialite - e sujeito não identificado - agressor)*.

Figura 5 – Nó e *subnós* da categoria de análise 'intertextualidade e fontes jornalísticas' no software NVivo Pro 11.

Categorias de Análise			
Nome	Fontes	Referências	
Intertextualidade e fontes jornalísticas		0	0
Coletivos de pessoas em situação de rua		6	15
Empresários		4	6
Moradores e trabalhadores locais		2	5
Outras pessoas		5	13
Pessoas em situação de rua		16	103
Vozes da lei		3	9
Vozes de especialistas		6	10
Vozes do governo		24	56
Vozes médicas		3	13
Repórteres		4	8
Ativistas e religiosos		16	43
Assistencialistas sem vínculo governamental		11	48
Polícia		4	10
Familiares de pessoas em situação de rua		1	1
Ex-morador de rua		1	7

Fonte: NVivo Pro 11.

Na tabela, Fontes se referem ao número de textos em que o *subnó* foi mapeado, enquanto Referências correspondem ao número de codificações para cada *subnó*. A simples visualização do número de fontes e referências aponta que a voz mais expressiva em número de fontes é a do *governo*. Carregadas de mais referências, temos vozes de *pessoas em situação de rua* e de *ativistas e religiosos*.

Em seguida, quisemos saber sobre quais temáticas essas vozes são convocadas a falar no jornal. Para isso, utilizando da ferramenta ‘matriz de codificação’ do *software NVivo 11 Pro*, cruzando todas as vozes convocadas a falar sobre a população em situação de rua com a classificação de fontes, considerando as temáticas do *corpus*, o resultado se encontra na Tabela 5:

Tabela 5 - Matriz de codificação no ‘intertextualidade e fontes jornalísticas’ versus classificação de fontes ‘Temas’.

VOZES RECORRENTES	TEMAS DOS JORNAIS ANALISADOS				
	Assistencialismo	Assistência e Outros Temas	Tangencial	Violência	TOTAL
Assistencialistas sem vínculo governamental	40	0	4	4	48
Ativistas e religiosos	17	14	2	10	43
Coletivos de pessoas em situação de rua	7	8	0	0	15
Empresários	4	0	0	2	6
Ex-morador de rua	7	0	0	0	7
Familiares de pessoas em situação de rua	0	0	0	1	1
Moradores e trabalhadores locais	3	0	0	2	5
Outras pessoas	10	0	0	1	11
Pessoas em situação de rua	84	7	1	9	101
Polícia	0	0	2	8	10
Repórteres	1	4	0	3	8
Vozes da lei	5	0	0	4	9
Vozes de especialistas	7	3	0	0	10
Vozes do governo	29	5	5	16	55
Vozes médicas	12	1	0	0	13
	226	42	14	60	

Fonte: Elaboração própria, a partir do *NVivo Pro 11*.

Observando a Tabela 5, encontramos, em Assistência e Assistencialismo, maior número de vozes recorrentes quando o assunto é população em situação de rua em meio à pandemia da Covid-19. Em sua maioria, são vozes do ator social pessoa em situação de rua, articuladas majoritariamente de forma direta no discurso, precedidas e sucedidas de aspas, com marcas de citação.

Com esta análise, pudemos responder à pergunta “Nessas temáticas, quando se convoca, com maior frequência, a voz da população em situação de rua?”. Ao consultarmos o nó pessoas em situação de rua na pasta temática Assistência e Assistencialismo, nos retornaram inúmeras falas, algumas apresentadas no Quadro 1:

Quadro 1 - Excertos de falas de pessoas em situação de rua na pasta temática Assistência e Assistencialismo.

Assistência e Assistencialismo	
Data	Trechos das reportagens
02/04/2020	“As pessoas me olham de um jeito que parece que sou o vírus”
	“Eu fui pedir ajuda para um casal. O homem berrou para eu não me aproximar da mulher porque transmito doença. Eu também o discriminei, falei que os doentes são eles”, contou Lima.
	“Tem que ser no olho no olho, porque na rua não abrem nem o vidro com medo da gente”
	“Eu já consegui ganhar R\$ 100 por dia, em dezembro do ano passado aqui neste mesmo lugar. Agora as pessoas nem olham para falar um ‘não’.”
04/04/2020	“Eu como esse prato aqui. Guardo a fruta e o suco para comer de noite”, diz. Ela tem uma série de problemas de saúde, como osteoporose e artrite, que são agravados pela fome.
	“estou comendo lixo”
27/04/2020	“A gente se embola à noite. Um fica perto do outro para se esquentar.”
	Ariadna de Oliveira, 23, pensa em Deus toda vez que escuta a palavra

	coronavírus:“Ele não vai deixar essa doença chegar aqui”
	“É a solidariedade desse povo que está mantendo a gente viva, com comida para todas refeições do dia”
	“Ninguém quer mais abrir o vidro. Se antes já era difícil, agora as pessoas têm mais um motivo para não olhar para você”
	“Ou a gente morre de 'corona' ou de fome.”
10/06/2020	“Sabemos que tem uma pandemia, mas não como se cuidar, para onde correr se pegar. Colocaram um monte de feriado na mesma semana, ninguém entendeu. Tem gente morrendo na rua mesmo, sem atendimento”
15/06/2020	“Antes da pandemia, a gente já tinha opressão. Morador de rua para eles [prefeitura] é igual lixo, mas não somos. Temos um coração, igual todo mundo. Por que não fazem um albergue para gente, onde possamos dormir fora da rua?”
17/07/2020	“Eu não sou o vírus, não sou a doença. Não precisa fugir de mim”. Alterado, o rapaz reagia à indiferença da mulher que ele havia abordado pedindo dinheiro. Naquele dia, o jovem morador de rua foi convidado por ele a aceitar uma marmita para o almoço.

Fonte: elaboração própria.

Após a população em situação de rua, temos as vozes de assistencialistas sem vínculo governamental e vozes do governo quando o assunto é Assistência e Assistencialismo. Tal recorrência é esperada, pois são textos que em seu teor tratam sobre assistência e assistencialismo à situação de rua em meio à pandemia. Pessoas voluntárias e sem vínculo governamental prestam serviços por meio de doação, favor, boa vontade ou interesse de alguém e não como direito, enquanto as vozes do governo prestam assistência social por meio de políticas públicas emergenciais aplicadas mediante a pandemia.

Como medida paliativa, por cooperação social e solidariedade no enfrentamento desta crise sanitária, grupos sociais atuam em diversas ações sociais na doação de alimentos e produtos de higiene, também prestam informações que não haviam chegado até esta população no intuito de educá-los, informá-los para que possam se proteger.

É importante ressaltar que a necessidade de antecipação destes grupos no enfrentamento emergencial da crise sanitária frente à pandemia neste grupo tão vulnerável que é a população de rua se fez necessária por estes visualizarem ações estatais desestruturadas e insuficientes à população de rua, uma vez que o momento atual exige a adoção de políticas públicas que conduzam à efetivação do direito às condições de saúde, cuidado e higiene pessoal e o cumprimento dos preceitos éticos à essa população, como rege a Política Nacional para População em Situação de Rua (BRASIL, 2009).

Além dessas temáticas, a pasta outros temas enreda histórias de amor entre pessoas em situação de rua em acampamentos destinados ao abrigo em meio à pandemia, como também trata sobre o jornal *Boca de Rua*, que passa por dificuldades por conta da baixa circulação de seus exemplares devido a pandemia. A pasta Tangencial reúne textos que mencionam voluntários que se dedicam a ajudar pessoas em vulnerabilidade social e, nesse meio, incluem a população em situação de rua, mas não os tem como principal temática. Na pasta Violência, além da violência física, narrada, em maioria, por ativistas e religiosos que denunciam a falta de assistência à população de rua, é recorrente a violência moral, como uma reportagem que narra pessoas em situação de rua sendo multadas pelo não uso da máscara, e o grupo que se articula no bairro de Copacabana para coibir doações à população em situação de rua, como também no caso, em São Paulo, da *socialite* Bia Doria, esposa do governador.

Pautada nessa discussão e com intuito de responder ao último questionamento da pesquisa, interessou saber como as vozes mais recorrentes (assistencialistas sem vínculo governamental, ativistas e religiosos, pessoas em situação de rua e vozes do governo) avaliam a população em situação de rua em meio à Covid-19. Para isso, nos utilizamos, novamente, da ferramenta matriz de codificação, cruzando os dados do nó 'modos de avaliação de pessoas em situação de rua' com os *subnós* 'assistencialistas sem vínculo governamental', 'ativistas e religiosos', 'pessoas em situação de rua' e 'vozes do governo' da categoria de análise 'intertextualidade e fontes jornalísticas'. Para codificação desta etapa de análise, diferentemente da categoria de análise modo de representação, quando nos baseamos no item lexical usado para se referir à população em situação de rua, na avaliação mapeamos o conteúdo avaliativo, nem sempre correspondente às palavras exatas utilizadas nos textos, pois a avaliação é muitas vezes pressuposta.

A matriz de codificação gerou o resultado presente na Tabela 7:

Tabela 7 – Matriz de codificação *subnós* 'intertextualidade e fontes jornalísticas' e *subnós* 'modos de avaliação de pessoas em situação de rua'.

MODOS DE AVALIAÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	INTERTEXTUALIDADE E FONTES JORNALÍSTICAS				
	vínculo governamental Assistencialistas sem	Ativistas e religiosos	Pessoas em situação de rua	Vozes do governo	TOTAL
Acomodadas	-	-	-	2	2
Amedrontadas, assustadas, nervosos, tensos, desesperados	2	4	6	-	6
Animalizado	-	-	1	-	1
Bondosos	1	-	-	-	1
Confortáveis	-	-	-	1	1
Desassistidas	-	1	1	-	2
Desinformadas	-	-	2	-	2
Discriminadas	1	2	6	-	9
Drogados, viciados	-	-	1	1	2
Famintas	5	4	5	-	14
Gente do bem	-	-	1	-	1
Gratos	-	-	3	-	3
Humano	1	-	-	-	1
Incômodas	-	1	-	-	1
Inseguras	-	3	1	-	2
Invisibilizados	-	2	4	-	6
Mortos	1	1	-	-	2
Negacionismo - em relação ao vírus	-	-	3	-	3

Oprimidos	-	-	1	-	1
Preconceituosa	-	-	2	-	2
Sujos	-	-	1	-	1
Transmissor do vírus	-	-	7	-	7
Violentados, agredidos	-	5	6	-	8
Vulneráveis, abandonados	1	2	2	1	4
	12	25	53	5	

Fonte: elaboração própria, a partir do *NVivo Pro 11*.

O ator social que mais avalia no *corpus* é a própria população em situação de rua [53]. Os conteúdos avaliativos descritos na análise como *famintas* [14], seguidos de *amedrontadas*, *assustadas*, *nervosos*, *tensos*, *desesperados* – termos cujo teor dos textos expressam ideias semelhantes ou correlacionadas [12] e *violentados*, *agredidos* [10] foram os termos mais utilizados pelos ativistas e religiosos e assistencialistas sem vínculo governamental para avaliar a população em situação de rua no *corpus*.

Termos valorativos que desmerecem e inferiorizam a condição da população em situação de rua nas ruas são utilizados pela própria população em situação de rua ao se auto referir. Majoritariamente, tratam de trechos que inferem condições de medo, preconceito e fome, como exemplificam os fragmentos: (a) “Ninguém quer mais abrir o vidro. Se antes já era difícil, agora as pessoas têm mais um motivo para não olhar para você”, (b) O morador de rua Marinaldo Santana, 38, aguarda comida lendo a Bíblia na calçada; ele diz que houve dias em que só bebeu água, (c) “As pessoas me olham de um jeito que parece que sou o vírus”.

Assistencialistas sem vínculo governamental, ativistas e religiosos, por sua vez, ratificam a condição subalterna da população em situação de rua, como dos trechos: (a) "As pessoas estão com muita, muita fome, às vezes sem comer há dois dias.", (b) "Percebi que normalmente quem dorme é porque está com mais fome.", (c) “Eles estão com medo. O medo, a insegurança, aumentam a fome”, (d) “[Sem alimentação adequada], essa população terá deficiência nutricional e ficará mais suscetível não só ao coronavírus como a outras doenças”.

Já o governo pouco avalia. Ao inferi-los como acomodados [2], há a presunção de que eles estão nas ruas por terem tudo que necessitam para viver sem que façam qualquer esforço para sair dessa situação, isto dito como exemplificam os trechos: “Não

é correto você chegar lá na rua e dar marmita, porque a pessoa tem que se conscientizar de que ela tem que sair da rua. A rua hoje é um atrativo, a pessoa gosta de ficar na rua.”. Em contraponto, vulneráveis e abandonados [1] foram categorizados em contexto onde estes narram a situação desta população ao visitá-los: “Dois meninos estavam sentados. O menor, muito agarradinho no mais velho. Eu disse: ‘Que coisa boa, ele é apaixonado por ti’. Mas daí vi o chinelo de dedo, a roupa fininha, a manga dobrada na mão para esquentar. Era frio. Me dá vontade de chorar”, conta Vidal.”.

Há de se ressaltar dois termos avaliativos: *transmissor do vírus* e *negacionismo - em relação ao vírus*. O primeiro termo foi apropriado a contextos onde a população em situação de rua é avaliada de maneira preconceituosa, sendo vista como o próprio vetor do vírus, como exemplifica o trecho: “Eu não sou o vírus, não sou a doença. Não precisa fugir de mim”. Alterado, o rapaz reagia à indiferença da mulher que ele havia abordado pedindo dinheiro. Naquele dia, o jovem morador de rua foi convidado por ele a aceitar uma marmita para o almoço.” e “As pessoas me olham de um jeito que parece que sou o vírus”. Tais contextos foram realçados nesta categoria por conter um teor preconceituoso mais específico, surgindo por conta da pandemia. A população em situação de rua, que já é avaliada socialmente como incômoda (Resende, 2016, p. 13), agora também “é representada como a figura do possível transmissor, ou seja, a figura concreta do contágio” (Paula, 2020, p. 6), fato que os inferioriza duplamente, para além do cotidiano de uma pandemia.

Trechos codificados no *nó negacionismo - em relação ao vírus*, narram parte da população em situação de rua que, por falta de informação, duvida da existência do vírus e conta com a ‘sorte’ para se esquivar desta problemática, ou casos onde eles alegam que a rua já lida com problemáticas maiores que esta e, por isso, o coronavírus não é problemática tão maior quanto às que enfrentam em seu cotidiano, além de, por estarem expostos a tantas outras doenças, se consideram ‘imunizados’, como dos trechos: “nossa resistência é maior porque moramos na rua”, “quem mora na rua não pega isso tão fácil”, “aqui a gente tem que pensar em outros problemas primeiro”, “Eu não vejo as notícias na TV como você, mas será que isso existe mesmo? Tenho dúvidas”.

Após a delimitação avaliativa da população em situação de rua, se valendo da descrição sociossemântica apresentada por van Leeuwen (1997, apud Resende, Ramalho, 2019, p. 73) quando se trata da representação de atores sociais, para mapear a categoria representacional da população em situação de rua no *corpus*, analisamos se

estes eram representados nos textos em sua forma individual ou coletiva. Encontramos em 38 fontes a representação da população em situação de rua em modo coletivo, enquanto somente 15 fontes haviam sua representação de modo individual.

Em minoria no *corpus*, nos discursos, a população de rua é representada de maneira singular quando há nomeação (onde o ator social é tratado pelo seu nome próprio), quando do uso de pronomes e/ou substantivos no singular que se utilizam para referenciá-los ('morador de rua', 'pessoa em situação de rua', 'sem-teto', pessoa etc.), como exemplificam os trechos: (a) “É minha”, diz Manuela da Rosa, 33, que estava na fila da marmita. Ela recolhe recicláveis na rua e passa a noite em uma pensão. “É como dormir na rua, muito frio”, diz.”, (b) “As pessoas me olham de um jeito que parece que sou o vírus” e (c) “Na quinta-feira (14), Ana Letícia examinava o morador de rua Gabriel Almeida, 49, no albergue Boracea. Com muita dor de garganta, ele tinha saído da região da Luz, onde dorme normalmente, para procurar ajuda no abrigo.”.

Em maioria no *corpus*, há a representação coletiva da população em situação de rua quando há coletivização no texto ao representá-los, geralmente quando do uso de pronomes e substantivos em sua forma plural, ou termos que denominam a população de rua de forma generalizada, como exemplificam os trechos: (a) “A ideia surgiu, segundo ela, porque catadores de reciclagem e moradores de rua não são bem tratados na cidade.”, (b) “Depois que começou essa pandemia, acabou tudo. A gente não consegue comer, beber direito e todo mundo tem que ficar separado, mas não funciona aqui”, (c) “Quanto mais juntos para se proteger das baixas temperaturas, moradores de rua ficam mais sujeitos ao contágio” e (c) “Eles estão com medo. O medo, a insegurança, aumentam a fome”.

Além disso, a frequente representação coletiva da população em situação de rua no *corpus* exemplifica uma grande problemática enfrentada por esta população em meio à pandemia, que é a dificuldade de cumprirem com o distanciamento social. Como estratégia de sobrevivência nas ruas, essa população necessita da proximidade dos outros nas relações sociáveis e na proteção mútua. No frio, uma das formas de se aquecer é estar em grupos, e, ainda, impossibilitados de manter a higiene pessoal, se tornam mais suscetíveis e expostos ao contágio do novo coronavírus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização e codificação desses dados demanda dedicação, atenção e trabalho. O *software* viabiliza e otimiza a organização, categorização e análise dos dados, mas o olhar analítico da pesquisadora, orientado pelas categorias da ADC, não é indispensável. O *software*, por si só, não apresenta dados concluintes, há a necessidade de um olhar atento da pesquisadora tanto no processo pré-analítico quanto no pós-analítico, além de domínio das ferramentas do *software* para que, efetivamente, agregue ao referencial teórico e metodológico proposto ao *corpus*. Nesse sentido, a utilização do NVivo foi essencial no auxílio à reflexão dos dados pois, além de agrupar os excertos dos textos em codificação, possibilitou os cruzamentos temáticos que puderam responder às perguntas que foram surgindo à medida do tratamento do *corpus*.

O *corpus* é infinito em termos de análises e discussões, podemos analisá-los em tantas infinitas minúcias e, ainda que os resultados retornassem em formas de tabelas e quadros, a leitura dos textos nos aponta minúcias que não se mostraram em contextos quantitativos, mas que podem ser discutidas em pesquisas futuras.

Aqui concluímos que a voz da população em situação de rua é expressiva nos textos em relação aos outros atores sociais. Fato não tão comum, uma vez que em outros estudos se constatou que essa população “é silenciada e só convocada a falar em casos isolados, intitulados como casos de ‘sucessos’, de pessoas que não se encontram mais nas ruas” (Abreu, Araujo, 2017). Ao contrário disso, no *corpus*, a voz da população se expressou fortemente em tom de denúncia da sua própria situação, narrando o preconceito, medo e fome neste primeiro ano pandêmico.

A ausência de dados estatísticos oficiais sobre a população em situação de rua é uma problemática inerente a esse momento pandêmico. Como presente nos dados, tal ausência também se instaura no mapeamento de casos e mortes da população em situação de rua em decorrência da Covid-19, o que dificulta a estruturar a evolução da doença nesta população. A subnotificação dificulta na implementação de políticas públicas e ações emergenciais no combate ao vírus. Ainda que existam políticas e recomendações emergenciais voltadas para a população de rua (PORTARIA Nº 69, DE 14 DE MAIO DE 2020), elas parecem ser insuficientes para atender tamanha demanda (que nem possui quantidade calculada). As notícias do *corpus* mostram que essa

população segue desamparada pelo Estado, e que a fome e as necessidades básicas têm sido amenizadas por grupos alheios ao estado, como ativistas, religiosos e assistentes sociais sem vínculo governamental, categorizados nos dados.

Além de lidar com as inúmeras dificuldades que já enfrentam nas ruas, agora precisam lidar com o medo de se contaminar, a vulnerabilidade por falta de amparo e com o preconceito da sociedade que se instaurou duplamente, pois agora são evitados, também, por serem vistos como o “vetor do vírus”, como a “doença”. Fatores estes que só o reificam a exclusão e invisibilidade que há por parte do Estado e da sociedade quando se trata da população em situação de rua, os desumanizando e privando-os dos direitos básicos de sobrevivência.

REFERÊNCIAS

ABREU, Dara; ARAUJO, Carolina Lopes. Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornal on-line Folha de São Paulo', In: REDLAD: XII Colóquio Internacional, Santiago, 2017.

ALVES DA SILVA, Dáfni Priscila; FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto; DA SILVA, Anderson Henrique. O poderoso *NVivo*: Uma introdução a partir da análise de conteúdo. Revista Política Hoje, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 119-134, dez. 2015. ISSN 0104-7094. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica/hoje/article/view/3723>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

Bakhtin, M. 2002 [1929]. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec.

BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, DF, edição 27, seção 1, página 1, 7 de fevereiro de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Brasília, DF, edição 24-A, seção 1 - Extra, página 1, 4 de fevereiro de 2020.

BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Política Nacional para a População em Situação de Rua.

BRASIL. Portaria nº 69, de 14 de maio de 2020. Recomendações gerais para a garantia de proteção social à população em situação de rua, inclusive imigrantes, no contexto da pandemia do novo Coronavírus, Covid-19. Disponível em <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-69-de-14-de-maio-de-2020-257197675>

FAIRCLOUGH, N. Discourse and social change. Cambridge: Polity Press, 1992.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 2020. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>>.

SILVA, Tatiana Dias; NATALINO, Marco; PINHEIRO, Mariana Brito. População em Situação de Rua em Tempos de Pandemia: Um Levantamento de Medidas Municipais Emergenciais. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200610_nt_74_diset.pdf>.

BRASIL. Ministério da Saúde. 2020. Disponível em <<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/#fev2020>>.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. Analysing Discourse: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

PAULA, Hermes Candido de et al. Sem isolamento: etnografia de pessoas em situação de rua na pandemia de COVID-19. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 73, supl. 2, e20200489, 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0489>>. QSR International. 2015. Disponível em <http://www.qsrinternational.com/>.

RAMALHO, Ingrid da Silva. Representação discursiva da violência e da violação de direitos contra pessoas em situação de rua nas plataformas on-line do Correio Braziliense (2014 a 2018). 2020. 203 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

RESENDE, Viviane de Melo, RAMALHO, Viviane. Análise do discurso crítica. São Paulo: Contexto, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo. A violação de direitos da população em situação de rua e a violência simbólica: representação discursiva no jornalismo on-line. Revista latino-americana de estudos do discurso, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 71-91, jun. 2016. ISSN 2447-9543. Disponível em: <<https://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/24>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

RESENDE, Viviane de Melo. Representação de pessoas em situação de rua no jornalismo on-line: quais são as vozes. Revista de Estudos da Linguagem, [S.l.], v. 24, n. 3, p. 955-988, dez. 2016. ISSN 2237-2083. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10887>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

RESENDE, Viviane de Melo; MENDONÇA, Daniele Gruppi de. População em situação de rua e políticas públicas: representações na Folha de São Paulo. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 35, n. 4, e2019350413, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460x2019350413>. Disponível em: http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502019000400412. Acesso em: 20 mar. 2020.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: Pedro, E. R. (org.) Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997, pp. 169-222.

VIEIRA, V. C.; RESENDE, V. M. Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2016. Acesso em: 17 jul. 2020.